

  <https://doi.org/10.56238/ciesaudesv1-094>

Carolina Marques de Melo

Pós-graduanda em Terapia Cognitiva comportamental pela PUCPR.

Instituição acadêmica: PUCPR

Pedro Octávio Gonzaga Rodrigues

Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP.

Instituição acadêmica: UNIFAEMA

RESUMO

O suicídio perpassa a humanidade e se manifesta de diferentes maneiras ao longo da história, tornando-se tabu na atualidade. A romantização é amplamente comentada no senso comum e figura entre revistas, jornais, periódicos eletrônicos, sites e blogs, mas ao pesquisar sobre ela em bibliotecas acadêmicas notou-se a falta de um conceito que a categorize cientificamente. O presente trabalho teve como objetivo compreender o fenômeno da romantização e definir se ele se expressa na obra 13

Reasons Why. Aqui, a romantização foi sistematizada e conceituada cientificamente, tanto para responder à pergunta de pesquisa, quanto para servir de base para os próximos trabalhos científicos. Foram analisados catorze artigos, de onde foram retiradas características da romantização que deram origem a três categorias de análise. A romantização do suicídio foi analisada através dessas categorias em 13 Reasons Why, série acusada de romantizar a morte voluntária de sua protagonista. Os métodos de pesquisa utilizados para esta pesquisa qualitativa foram documentais e bibliográficos. Por fim, conclui-se que, apesar de possuir efeitos benéficos em temáticas como ideação suicida, bullying e violência, o seriado peca na maneira como apresenta estes temas, faltando responsabilidade e discernimento da produtora, possibilitando assim um novo Efeito Werther.

Palavras-Chave: 13 Reasons Why, Os Treze Porquês, Romantização, Suicídio, Efeito Werther.

1 INTRODUÇÃO

O suicídio, embora tenha sido considerado um tabu, é um fenômeno amplamente discutido na sociedade, tanto pelo senso comum quanto por organizações e órgãos governamentais, que constantemente trazem a temática como um problema de saúde pública (OMS, 2021). De pesquisas para produção de literatura científica a campanhas nacionais de prevenção, o suicídio tem sido cada vez mais discutido enquanto questão de saúde pública o que, por si só, já demonstra que a taxa de incidência é alarmante.

Segundo dados da OMS, houve um total de 14540 mortes por suicídio no Brasil no ano de 2019. Portanto, com milhares de suicídios por ano, o Brasil figura entre os dez países com maior índice de mortes auto infligidas. Quando se trata de números a nível mundial, o resultado é ainda mais chocante: a cada 40 segundos uma pessoa em algum lugar do planeta comete suicídio (OMS, 2021).

Esses números preocupantes levam a comunidade científica a debater o tema do suicídio com muita frequência, encontrando-se milhares de literaturas científicas sobre o assunto. Cientistas de diversas áreas se debruçam a estudar o suicídio segundo a visão de sua ciência, o que contribui para

que o suicídio seja compreendido como um fenômeno multifatorial, que deve ser estudado e compreendido sob várias óticas (MELEIRO E BAHLS, 2004).

Deve-se apontar que os números de suicídios consumados e tentativas de suicídio são subnotificados no país, o que leva a crer que o número real de casos de suicídio seja ainda maior do que o demonstrado pelas pesquisas (IBGE, 2006). Fatores como preconceito e o tabu que permeiam esta temática influenciam fortemente no fenômeno de subnotificação e ajudam a mascarar a amplitude do problema.

A temática do suicídio também é explorada pela mídia e pela arte, sendo utilizada para gerar entretenimento, conhecimento, levar informações e prevenir o suicídio, tendo diversas obras ao longo da história que retratam a morte voluntária. Exemplos de obras famosas são Romeu e Julieta, O Sofrimento do Jovem Werther, Titanic e a recente produção da Netflix, “*13 Reasons Why*”, traduzido para o português como “Os 13 Porquês”, sobre o qual este trabalho se baseia.

A série *13 Reasons Why* traz a história da adolescente Hannah Baker que, infeliz pela situação de sua vida, comete suicídio e deixa 7 fitas cassetes para as 13 pessoas que ela aponta como as razões pelas quais decidiu tirar a própria vida. A cada episódio, um novo nome é revelado e um dos porquês do suicídio de Hannah vem à tona, evidenciando que seus problemas, que iam desde dificuldades financeiras a estupro, a levaram a desistir da vida.

Embora o objetivo, segundo um dos produtores da série, seja o de promover uma discussão sobre os temas tipicamente adolescentes retratados nela, como suicídio, bullying, abuso de álcool, uso de drogas e abuso sexual, a Netflix foi acusada de romantizar o suicídio, o que poderia levar ao aumento dos índices de mortes auto infligidas principalmente nos adolescentes, que são os principais consumidores da série (PALOMARES, 2020; GOLDBERG, 2019).

Dada tamanha repercussão negativa, a empresa optou por fazer mudanças nos episódios da série, adicionando informações sobre onde procurar ajuda caso o telespectador esteja em sofrimento mental. Também foram incrementados vídeos dos atores alertando sobre os temas retratados na série e fazendo orientações ao público, sugerindo que pessoas que estejam passando por problemas difíceis não devem assistir à série ou devem assistir com um adulto confiável. Além disso, a cena que mostrava explicitamente o momento do suicídio da protagonista foi cortada e a empresa se responsabilizou a fiscalizar e impedir que arquivos piratas dessa cena fossem compartilhados na internet (GOLDBERG, 2019).

Entretanto, os dados e opiniões acerca da romantização do suicídio em *13 Reasons Why* divergem entre os autores, que têm visões destoantes sobre a série. Alguns acusam a obra de romantizar o suicídio e outras, pelo contrário, dizem que o debate sobre o suicídio trazido aos holofotes pela estreia

da série foi benéfico para os jovens (RODRIGUES, 2019; DE MIRANDA; DE SOUZA, 2019; ZIMERMAN *et. al.*, 2017).

Analisando as literaturas científicas existentes, que visam examinar a série *13 Reasons Why* sob diferentes perspectivas, promoveram-se alguns debates sobre poder ou não apontar uma postura antiética e irresponsável da produtora Netflix no retrato do suicídio na citada obra audiovisual, além de questionar os riscos e benefícios ao produzir materiais retratando essa temática. Partindo do pressuposto de que o suicídio é um assunto delicado, entende-se que é necessária uma conduta responsável e cuidadosa ao retratar esse fenômeno, principalmente no que se refere a mídias consumidas pelo público jovem. Logo, uma questão que pode ser levantada é se uma apresentação fantasiosa e romantizada deste poderia levar a um aumento nos índices de mortes autoinduzidas.

Essas respostas se tornam indispensáveis à medida em que os números alarmantes das taxas de suicídio apontam para o fato de que este representa a segunda maior causa de mortes de jovens entre 15 e 29 anos. Tendo em vista os altos índices, torna-se urgente a elaboração de mais trabalhos científicos que visem o estudo do suicídio e de como este é retratado na mídia, principalmente no que se refere a conteúdos amplamente consumidos pelos jovens.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa produzida nos anos de 2019 a 2021 tendo a primeira temporada da série *13 Reasons Why* como base de análise de conteúdo. Segundo Alves-Mazzoti e Gewandsznajder (2000), as pesquisas qualitativas são caracteristicamente multimetodológicas, o que significa que se utilizam de uma grande variedade de procedimentos e instrumentos de coleta de dados. Uma das principais características desse tipo de pesquisa é o fato de que esta é produzida de acordo com a tradição interpretativa, não focando sua atenção na produção de dados estatísticos e exatos, mas da compreensão da temática envolvida no problema levantado.

Foram utilizados para a produção deste trabalho livros, teses, monografias e artigos indexados em diversas plataformas de materiais acadêmicos, como Scientific Electronic Library Online – SciELO, Periódicos eletrônicos em psicologia - PEPSIC, Scholar Gloogle, revistas de psicologia e plataformas de universidades. Assim, dois tipos de pesquisa se fazem presentes neste trabalho: documental e bibliográfico. A metodologia de pesquisa documental foi utilizada na análise da série, enquanto a de pesquisa bibliográfica foi empregada na produção da revisão de literatura e demais itens textuais que compõem este trabalho, proporcionando assim o embasamento científico necessário.

A pesquisa documental utiliza-se de fontes diversas “sem tratamento analítico, tais como tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias e pinturas” (FONSECA, 2002, p.32). No caso desta pesquisa, foi utilizada a produção audiovisual *13*

Reasons Why como base de análise de conteúdo. Por sua vez, a pesquisa bibliográfica é elaborada tendo outros alicerces, que são materiais previamente publicados. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa utiliza em sua confecção materiais como livros, artigos científicos, revistas, jornais, e outros modelos de publicações acadêmicas, como teses e anais de eventos científicos (GIL, 2010).

Os critérios de inclusão e exclusão foram definidos de acordo com a relevância dos artigos para o trabalho, sendo buscadas as palavras-chave “romantização”, “suicídio”, “13 *Reasons Why*” e “Os Treze Porquês”, sendo também combinadas entre si como busca em cada base de dados. Foram utilizadas 48 bibliografias no total, das quais 44 estão em língua vernácula, duas em espanhol e duas em inglês.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 O CONCEITO DE SUICÍDIO

Émile Durkheim é uma grande influência dentro da temática do suicídio por conta de seu livro “O suicídio: estudo de sociologia”, escrito em 1897. Nele, provavelmente levado pela mobilização emocional oriunda do suicídio de um amigo próximo (NUNES, 1998), Durkheim se debruça a estudar sobre o assunto e traz uma série de dados estatísticos acerca das mais variadas causas do suicídio em diversos países europeus (PALACIO, 2010).

Embora este seja um assunto muito comentado, ainda existem divergências em relação ao conceito de suicídio, já que o entendimento popular difere das teorias construídas sobre esta temática. Uma das dissonâncias em relação à compreensão do senso comum perante o ato suicida é apontada por Émile Durkheim como sendo a ideia de que o suicídio sempre se expressa através de uma ação positiva, carregada de violência e que requer o emprego de força muscular para ocorrer (DURKHEIM, 2000). O autor elucida que qualquer ação que culmine no mesmo efeito de autocídio, seja ela positiva ou negativa, é considerada suicídio, não importando assim a natureza intrínseca dos fatos que levem à morte do indivíduo, desde que ele mesmo os tenha praticado contra si.

Para demonstrar que a causalidade entre as ações e a morte pode ser indireta, sem modificar a natureza da situação, pode-se citar o fato de que uma atitude negativa como a abstenção e supressão da alimentação é tão suicida como a defenestração ou o enforcamento. Nas palavras do autor: “a pessoa tanto se mata recusando-se a comer como destruindo-se a ferro e fogo” (DURKHEIM, 2000, p.11).

Muito embora a discussão sobre as características dos atos culmine na conclusão de que não se deve fazer diferenciação entre a natureza intrínseca dos fatos que findem no óbito do indivíduo, Durkheim aponta que algumas distinções devem ser elaboradas para separar duas espécies de mortes totalmente diferentes: aquela praticada por alguém em pleno juízo mental e aquela cujo autor não tem plena consciência e muito menos sabe das consequências de sua atitude (DURKHEIM, 2000).

Segundo a interpretação de Durkheim (2000), não se deve incluir na mesma classe e tratar da mesma maneira os dois tipos de morte citados anteriormente, mas, pela dificuldade de reconhecimento das verdadeiras intenções do sujeito por trás da ação que levou ao óbito, não se deve definir o suicídio como um homicídio intencional de si mesmo. Sendo a intenção uma característica demasiadamente íntima para identificar com legitimidade, tornar-se-ia complicada a tarefa de definir o suicídio através dela.

Além disso, se a intenção configurasse um requisito para que um ato suicida fosse assim considerado, muitos deles deixariam de ser classificados como suicídio, uma vez que alguns, apesar de possuírem diferenças significativas em relação àquelas práticas claramente premeditadas e intencionais, ainda assim são, por natureza, idênticos ao que o autor entende por suicídio.

Ilustrando esta conclusão, pode-se relacionar a teoria de Durkheim (2000) com dois eventos históricos relacionados à temática do suicídio: os Kamikazes japoneses da Segunda Guerra Mundial e o suicídio de Getúlio Vargas. Os Kamikazes eram uma clara ilustração do desespero do Japão no final da Grande Guerra, quando boa parte dos pilotos de ponta havia sido aniquilada pelo exército americano. A solução então foi montar esquadrilhas de pilotos jovens e com pouco treinamento cuja função era a de lançar-se contra as frotas navais inimigas, explodindo seus aviões contra eles, o que levaria a uma morte iminente. Getúlio Vargas foi o 17º presidente da República e, num momento de crise política, cometeu suicídio disparando uma arma de fogo contra o próprio peito (CANCELLI, sem data).

No primeiro caso, os jovens soldados não desejavam a morte e nem queriam morrer, mas são tão autores de sua própria morte quanto Getúlio Vargas, que escolheu atirar contra si mesmo à queima roupa. Esses dois acontecimentos não poderiam ser classificados de maneiras diferentes, pois os indivíduos, da mesma forma, renunciaram à sua existência, tendo apenas consolidado o ato de maneiras diferentes. São vistos, portanto, como variedades de uma mesma classe e não como classes diferentes, pois, para Durkheim (2000), quando o empenho do indivíduo leva a uma morte certa, é cientificamente um suicídio. Ou, em suas palavras, “chama-se suicídio todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado” (DURKHEIM, 2000, p. 11).

Embora haja uma conclusão a respeito do conceito de suicídio na obra de Durkheim, entende-se que os suicídios são diferentes entre si e compõem tipos distintos, que o autor categoriza metodologicamente segundo as causas que os produzem (DURKHEIM, 2000). Ele compreende o suicídio como um fenômeno de ordem coletiva e o observa sob esta ótica desde o início da investigação, utilizando uma série de dados estatísticos relacionados à mortalidade oriunda de atos suicidas. Ele lança mão de um olhar social para analisar a temática, deixando de lado a individualidade

dos casos para entender as características dos diferentes meios sociais, como família, credo religioso e sociedade política, pelos quais o suicídio varia (DURKHEIM, 2000).

O autor então busca as condições sociais das quais depende cada tipo de suicídio descrito e as agrupa conforme suas semelhanças e diferenças, para que sejam caracterizadas etiologicamente e o fenômeno seja compreendido por suas causas e não por suas características (NUNES, 1998).

Em sua obra, Durkheim descreve três tipos de suicídio: o egoísta, altruísta e anômico, os quais ele estuda e estrutura através da análise de dados estatísticos.

O suicídio egoísta diz respeito ao nível de integração do sujeito com a sociedade da qual faz parte, sobre o qual Durkheim estabelece que o suicídio varia em razão inversa ao grau de integração do indivíduo com os grupos sociais, sendo estes a sociedade religiosa, a sociedade doméstica e a sociedade política (DURKHEIM, 2000).

Durkheim (2000) elucida em sua obra que a sociedade religiosa, a doméstica e a política influenciam o suicídio da mesma maneira, sendo sua ação geral a mesma sobre o indivíduo. Todas elas têm como característica principal o fato de serem grupos sociais fortemente integrados e não se considera que sejam suas características específicas as determinantes da imunidade ao suicídio que conferem aos sujeitos.

Quando essas sociedades se enfraquecem, o sujeito tende a desenlaçar-se da vida social e deixa de depender dos grupos sociais, passando a depender apenas de si mesmo para julgar e reconhecer regras de conduta que digam respeito tão somente a seus próprios interesses. Desta forma, ocorre uma afirmação excessiva do eu individual sobre o eu social, o que resulta numa individuação descomedida e leva o autor a considerar o suicídio resultante deste fenômeno como “egoísta” (DURKHEIM, 2000).

Para Durkheim (2000), a força social é um dos principais obstáculos para que o suicídio se desenvolva, o que faz pensar que, enfraquecendo a sociedade, ter-se-ia um aumento na propensão ao suicídio. Uma sociedade fortemente integrada tem como característica a manutenção dos indivíduos sob suas regras e a disposição destes para trabalhar para ela, o que lhes tira o direito sobre seus próprios corpos. Mas, enfraquecida, se vê obrigada a reconhecer os indivíduos como senhores de seus próprios destinos e outorgar-lhes a autoridade de fazer o que agora foge de seu controle. Consequentemente, o biopoder (FOUCAULT, 1999) exercido socialmente torna-se incapaz de conter a elevação das taxas de suicídio pela falha no controle dos corpos, causado pela renúncia dos indivíduos à subordinação social que lhes é imposta, que os mantém distantes da morte para cumprir suas obrigações para com a sociedade. O suicídio egoísta é, aqui, também compreendido filosófica e socialmente como uma resistência ao biopoder (CATTAPAN, 2012).

Além do que foi exposto, vale ainda ressaltar a importância do convívio social na vida dos indivíduos, da necessidade de afiliação e de pertencimento inerente ao ser humano. Durkheim (2000)

acredita que há, entre os indivíduos de uma sociedade, uma relação de troca que atua também como um sistema de assistência moral mútua, onde o desejo de assistir àquele por quem se é assistido e o vínculo estabelecido pela causa comum faz com que os sujeitos se apeguem à vida.

Embora a apresentação destas razões para o suicídio seja importante, elas são apenas secundárias e não constituem o foco da explicação para o suicídio egoísta. Segundo Durkheim (2000), o individualismo excessivo não serve somente para favorecer os resultados das demais causas do suicídio, mas é também uma dessas causas. Afinal, além de desprender a pessoa de um obstáculo utilmente coercivo que impulsiona os indivíduos a se matar, o individualismo excessivo cria essa predisposição e origina dessa forma um suicídio especial no qual o suicida imprime sua marca. É isso, segundo o autor, que constitui a natureza própria do suicídio egoísta e, portanto, é por isso que ele recebeu esse nome.

O autor levanta, então, a seguinte questão: o que há no individualismo que explique o suicídio como um resultado inerente a ele?

Durkheim (2000) acredita que, por sua constituição psíquica, o homem possui uma necessidade de apegar-se a um objeto maior que ele, que lhe sobreviva no sentido de que preserve o sentido de sua existência quando ele já não for mais carne, como um legado, um nome, uma reputação, um trabalho ou uma contribuição social importante, por exemplo. A condição humana de pequenez é tamanha que o homem procura na vida um sentido que não se pode encontrar em si mesmo, mas em objetos externos que delimitariam a razão pela qual sua vida é tolerável.

Portanto, quando ele não tem outro objeto além de si mesmo, passa a crer que todos os seus esforços serão em vão por estarem levando-o a um destino incerto e cujo objetivo é desconhecido. Sem saber o sentido da própria existência, o homem não tem forças para seguir vivendo, pois entende que, de tudo que faz, nada irá restar. Em suma, esse estado chamado de egoísmo é contraditório à natureza humana e, por isso, é considerado precário demais para perdurar (DURKHEIM, 2000).

Corroborando com a ideia de que nenhum excesso é benéfico ao homem, Durkheim (2000) apresenta o conceito de suicídio altruísta, um tipo presente nas sociedades que ele concebe como inferiores e que diz respeito à elevação excessiva do grau de integração do sujeito à sociedade e, por consequência, a uma individuação insuficiente. Aqui o homem está fortemente integrado ao meio social e sua subjetividade fica em segundo plano, passando a ser apenas um homem social e abandonando sua parcela individual.

Citando inúmeros casos históricos de suicídios altruístas, Durkheim (2000) faz alusão a mortes intencionais de idosos em idades avançadas, mulheres viúvas na ocasião da morte de seus maridos e de servidores em razão do falecimento de seus superiores. O ser individual do homem é substituído tão somente pelo ser social, do qual se espera uma ligação inabalável para com o outro e à comunidade,

a ponto de exigir que o destino de um seja, também, o do outro, não considerando assim possibilidade de separação. Isto faz com que se perpetue a ideia de um deva acompanhar o outro para sempre e aonde quer que ele vá, mesmo que isso implique ter que ir ao além-túmulo para que a ligação não seja dissolvida.

Uma das características mais marcantes deste tipo de suicídio é a obrigatoriedade que a permeia, onde a própria sociedade impõe o suicídio ao sujeito, que não se mata por imputar-se o direito de decidir sobre sua vida – e sua morte – ou por considerar sua vida um fardo pesado demais a ser carregado, mas porque punições lhe são atribuídas quando não compre com esse dever. Nas palavras do autor: “quando ele insiste em viver, a estima pública se retira dele: aqui, as honras comuns dos funerais lhes são recusadas, ali uma vida terrível supostamente o espera no além-túmulo” (DURKHEIM, 2000, p. 273). O sacrifício, no suicídio de tipo altruísta, é imposto ao homem em vista de fins sociais; eis aqui a diferença entre o suicídio egoísta e o altruísta.

Para que um suicídio desse tipo ocorra, é necessário que o homem considere sua personalidade individual como pouco importante e sobreponha sua parcela social ao seu Eu. Esse tipo de formação de personalidade, por sua vez, ocorre em sociedades massificadas onde os sujeitos muito pouco têm de individuais. Isto é, onde todos vivem a mesma vida e têm características muito parecidas, formando assim um grupo social coeso onde sentimentos, ideias e crenças sejam comuns a todos os integrantes. Desprovido, assim, de ferramentas e contingências para estruturar sua personalidade como algo genuíno e único, o homem se vê como apenas uma parte da sociedade e não como um indivíduo singular cujo valor é inestimável. Desta forma, totalmente conectado e numa relação simbiótica com a sociedade, o homem é totalmente fiel ao meio social do qual faz parte, não hesitando em renunciar a seu direito de viver a vida à qual ele dá tão pouco valor (DURKHEIM, 2000).

Ao analisar a concepção Nietzscheana sobre as massas, tem-se uma ideia de sociedade onde todos os indivíduos buscam enquadrar-se em um padrão e têm como Verdade – com V maiúsculo – aquela compartilhada pelo grupo social do qual participa, isto é, seu rebanho, ao qual ele segue alienadamente e sem questionar os preceitos morais, sem perceber sua subjetividade como genuína e sem criar uma individualidade e uma autenticidade própria do seu Eu (DE MENDONÇA, 2011). A massificação em Nietzsche relaciona-se com o suicídio altruísta em Durkheim na medida em que representa a inércia da racionalização do indivíduo em sociedade, o que causa uma individuação insuficiente e propicia a ocorrência desse tipo de autocídio.

Entretanto, é necessário que se estabeleça uma diferença entre os tipos de suicídios altruístas. Embora o autor denomine *suicídio altruísta* todo suicídio causado por um altruísmo intenso, existe também o *suicídio altruísta obrigatório*, que é aquele imposto pela sociedade. Nem todo suicídio altruísta é nitidamente compulsório, mas são facultativos e exigem um desejo do sujeito (DURKHEIM,

2000). Exemplos destes são os suicídios de pessoas que se sacrificam para salvar outros ou que renunciam a suas vidas em prol de causas tidas como nobres. Monges e líderes religiosos que sacrificam suas vidas em detrimento de sua fé, líderes políticos que dedicam suas existências a causas que lhes parecem valorosas e pais que arriscam e perdem suas vidas para salvar a de seus filhos são casos que ilustram este tipo de suicídio.

Além desses dois, há um terceiro tipo de suicídio altruísta: aquele em que o indivíduo o pratica por livre e espontânea vontade sem necessitar de algum motivo especial, mas exclusivamente pela felicidade que o sacrifício lhe traz, porque renunciar a vida é considerado louvável segundo sua concepção (DURKHEIM, 2000).

Outro tipo de suicídio presente na obra de Durkheim é o suicídio anômico. A anomia social é descrita como sendo a ausência de um conjunto de normas que governem a conduta dos indivíduos e as relações entre as funções sociais (LÓPEZ FERNANDES, 2009). Durkheim (2000) explica que a anomia nada mais é que uma etapa causada pela desordem social, sendo um subproduto das rápidas transformações sociais que fizeram com que as normas sociais, a priori seguidas, deixassem de fazer sentido e não deram tempo para que outras tomassem seu lugar, o que deixaria os indivíduos sem saber qual seu verdadeiro papel social e o que seria, de fato, legítimo e justo dentro daquela nova configuração social.

O suicídio anômico é extremamente preocupante, pois contextualizando sua teoria com a história da humanidade, notar-se-á que ele produz não suicídios individuais e casos isolados, como é o caso do suicídio egoísta, mas provoca mortes voluntárias em massa, produzindo efeitos devastadores (DURKHEIM, 2000). Exemplo disso é o fenômeno chamado de A Grande Depressão, que ocorreu em decorrência da quebra da Bolsa de Valores americana no século XX e ceifou milhares de vidas de pessoas que não conseguiram se adaptar à nova configuração da sociedade em crise. Outros exemplos são as crises financeiras que ocorreram em Viena, em 1873, e da Prússia, em 1850, fenômenos que elevaram significativamente a taxa de suicídios em pouco tempo.

Ao contrário da definição de suicídio anômico, o suicídio fatalista decorre de um excesso de regulação da sociedade que, ditadora, impõe regras sociais demasiadamente rígidas e inflexíveis aos indivíduos que a compõem. Casos que se encaixam nesse tipo de suicídio ocorrem “quando o indivíduo não vê possibilidade de futuro em virtude de viver num contexto de despotismo físico ou moral, em que as suas aspirações são totalmente verificadas pela sociedade” (PÉRTEGA-GOMES; GONÇALVES, 2016, p.1). Exemplos deste tipo de suicídio são suicídios de escravos, indivíduos perseguidos durante o holocausto e pessoas fugindo de guerras.

Percebe-se analisando a teoria de Durkheim (2000) que a sociedade tem um papel fundamental na vida dos sujeitos e relaciona-se com a propensão que estes têm de cometer suicídio. Pode-se inferir

que a parcela social do indivíduo, portanto, tem uma forte influência nas taxas de suicídio de uma sociedade e que os comportamentos das pessoas interferem na vida de seus pares, podendo inspirar desejos suicidas ou esperança. Com isso, entende-se aqui o suicídio como sendo um fenômeno de origem social que se expressa individualmente com a renúncia à vida dos suicidas. Muito embora a expressão deste fenômeno se dê pelos autocídios individuais, deve-se pensar nele como uma tendência social que impele as pessoas à morte e não como somente uma escolha existencial individual.

Ao contrário de Durkheim (2000), Andrew Solomon (2014) faz uma análise do suicídio que toma como foco a dimensão subjetiva do fenômeno. Em seu livro “O Demônio do Meio-Dia: uma anatomia da depressão”, ele relata sua experiência pessoal com a depressão e se debruça a investigar essa psicopatologia que atinge milhões de pessoas no mundo.

A obra, que foi vencedora do 2001 National Book Award e finalista do The Pulitzer Prize Board 2002, recebeu inúmeras críticas positivas de diversos países. Comovente, minucioso e detalhado, o relato do autor e sua pesquisa se tornaram referência no campo da Psicologia no que tange à depressão. A leitura da obra é, inclusive, recomendada pelo *website* do Centro de Valorização à Vida para pessoas que convivem ou conviveram com alguém com a doença.

Solomon (2014) descreve a tendência ao suicídio como sendo uma questão que comumente coexiste com a depressão, mas explica que não são situações análogas e interdependentes. A tendência suicida, embora seja tratada como um dos sintomas do episódio depressivo catalogado no DSM-5 (2014), não se resume a um simples sintoma a menos que sua existência, por si só, seja critério para o diagnóstico de depressão. Para o autor, o suicídio vai além de um sintoma e deveria ter seu próprio diagnóstico e tratamento. Assim, considera que essa questão é muito pessoal, subjetiva e varia de pessoa para pessoa, pois enquanto algumas enfrentam sofrimentos imensuráveis e se agarram à vida, outras escolhem a morte mesmo com promessas de um futuro deslumbrante. Em suas palavras: “o suicídio não é a culminação de uma vida difícil; nasce de algum lugar escondido além da mente e da consciência” (SOLOMON, 2014, p. 227).

O autor postula que há diferenças entre querer estar morto, querer morrer e querer se matar e, embora sejam sutis, devem ser discriminadas. Ele traz que querer estar morto é comum à maioria das pessoas de tempos em tempos, como sendo um desejo de estar anulado, encontrar-se além da dor. Por outro lado, o desejo de morrer é descrito e exemplificado por ele como sendo frequente em casos de depressão, onde a pessoa deseja se libertar das aflições da consciência, fazendo a “passagem” de seu estado atual, cujo sofrimento é intenso. Por último, o autor fala sobre querer se matar que, segundo ele, requer que o indivíduo tenha afetos intensos e os direcione ao emprego de certo grau de violência (SOLOMON, 2014).

Diferente de Durkheim, Solomon concebe o suicídio como sendo resultado de uma ação, não podendo ser explicado por pura passividade. Segundo ele, o suicídio demanda uma vontade poderosa e uma grande quantidade de energia, além da crença de que o momento vivenciado é permanente e uma fagulha de impulsividade por parte do sujeito (SOLOMON, 2014).

Para categorizar os tipos de suicídio, Solomon (2014) os divide em quatro grupos de acordo com as características.

O primeiro grupo é aquele que comete suicídio sem refletir acerca do que está fazendo. É composto por pessoas impulsivas que enxergam o suicídio como inevitável, sendo mais propensas a cometerem suicídio por eventos externos específicos. Parafraseando A. Alvarez, o autor diz que este grupo comete suicídio como um ato de exorcismo da dor que a vida somente consegue diminuir aos poucos (SOLOMON, 2014).

O segundo grupo é composto por pessoas que cometem suicídio como vingança, como se a morte não fosse irreversível. O autor descreve este grupo como um tanto quanto apaixonado pela morte consoladora e explica que, ao invés de fugir da vida, essas pessoas correm para a morte desejando não exatamente o fim de sua própria existência, mas a presença através da obliteração (SOLOMON, 2014).

O terceiro grupo descrito pelo autor é aquele que é levado ao suicídio por uma lógica falha, que não permite que o indivíduo enxergue saída para seus problemas intoleráveis senão a morte. Esse grupo é caracterizado fortemente pelo planejamento do suicídio, da análise (embora não condizente com a realidade) das opções e do preparo para a partida, como a redação de bilhetes suicidas e a organização de questões pragmáticas. Segundo o autor, este grupo não só comumente acredita que a morte vai melhorar sua condição de sofrimento, como também crê o ato livrará as pessoas próximas de um fardo (SOLOMON, 2014).

O quarto e último grupo descrito por Solomon (2014) é aquele que pode cometer suicídio por questões racionais. Essas pessoas, seja por motivos de doenças, mudanças em suas vidas ou instabilidade mental, renunciam à existência por não desejarem a dor da vida e, além de tudo, creem que nem mesmo todo o prazer que eles podem vir a sentir compensará essa dor. O autor ainda explica que essas pessoas, tendo ou não razão em seus pressupostos, não se iludem em relação à vida. Dessa forma, afirma que nenhum tratamento ou medicação as fará optar por outro caminho senão o suicídio. Este tipo de suicídio, segundo o autor, não é uma ação impulsiva, mas depende de uma longa avaliação racional para que seja decidido optar pela morte auto infligida (SOLOMON, 2014).

Segundo a análise dos autores anteriormente citados, compreende-se o suicídio como um fenômeno multifacetado e que só pode ser explicado se observado por diferentes perspectivas. Entende-se que, sendo um fenômeno multicausal, o suicídio pode ser concebido de diversas maneiras e necessita de olhares de todas as ciências, das ciências biológicas às ciências sociais, da Psicologia ao

Direito, da Medicina à Filosofia. Assim, ter-se-á uma compreensão mais abrangente e completa do fenômeno do suicídio, podendo desvendá-lo de maneira satisfatória e, com isso, agir para que suas verdadeiras causas sejam tratadas e sua incidência diminuída.

3.2 O SUICÍDIO EM 13 REASONS WHY

A série *13 Reasons Why* é uma adaptação da plataforma de streaming Netflix para a obra homônima de Jay Asher e conta a história de uma adolescente chamada Hannah Baker, que comete suicídio e deixa fitas cassete para as treze pessoas que ela considera as razões para o seu fim. Durante a trama, os personagens são identificados e os motivos de seus nomes constarem na lista são revelados, indo de bullying a estupro.

O protagonista da série é Clay Jensen, amigo, colega de trabalho e uma paixão secreta de Hannah, o que só é revelado na penúltima fita, que é destinada a ele. Ele correspondia seu sentimento, mas não conseguia expressá-lo por conta de sua timidez e sua dificuldade com relações sociais. A trama se inicia quando Clay encontra as fitas de Hannah que foram misteriosamente deixadas em sua porta. Ao longo dos episódios, ele ouve as fitas deixadas pela amiga morta e se revolta com as atitudes dos colegas em relação a Hannah, culpando-os por sua morte e punindo vingativamente aqueles que feriram Hannah.

Visivelmente abalado, Clay demonstra ter sua saúde mental cada vez mais deteriorada ao longo dos episódios, pois além de retomar a trajetória e a morte da amiga através das fitas e ter alucinações envolvendo-a, ele também foi ameaçado pelos colegas presentes nas fitas, que queriam calá-lo a todo custo e acusavam Hannah de mentir sobre eles. Além de toda a pressão pelas situações mencionadas, Clay também sofria muito por não saber o que tinha feito para magoar Hannah e por sentir o peso da culpa de ser um dos motivos da sua morte (SANTOS, 2018). Por estar emocionalmente abalado, ele demora para ouvir as fitas, descobrindo apenas no penúltimo episódio que Hannah não o considerava um dos porquês, mas o que relacionava Clay à sua morte era o fato de ela acreditar que ele era uma pessoa especial e não merecia alguém imperfeita como ela.

Ao mesmo tempo em que as cenas do presente de Clay e do passado de Hannah se misturam através da narrativa, a trama ainda mostra a luta dos pais da adolescente na justiça contra os a escola. Segundo os pais de Hannah, a escola era a verdadeira culpada pela morte da filha, pois os gestores poderiam ter evitado por ter conhecimento do bullying sofrido por ela na escola, mas escolheram negligenciá-la (SOUSA; CARVALHO, 2019).

Nas fitas, Hannah expõe os treze nomes e as treze razões pelas quais ela decidiu tirar a própria vida, até que no último episódio o suicídio de Hannah é retratado de maneira transparente e sem omitir detalhes, mostrando de maneira explícita o momento em que a adolescente corta os pulsos com lâminas

de barbear dentro da banheira, sendo encontrada já sem vida e imersa no próprio sangue pela mãe algum tempo depois.

A série gerou muita comoção do público e dividiu opiniões na internet, tendo sido noticiada em muitos veículos de mídia. Enquanto uns a acusavam de romantizar o suicídio e servir de gatilho para o ato suicida, outros a consideravam importante na medida em que promovia o debate público acerca da temática, que era considerada um tabu (RIBEIRO *et. al.*, 2018).

A cena do suicídio de Hannah foi uma das partes mais criticadas da série, por retratar de maneira transparente e realista uma cena tão violenta e pesada como a de um suicídio. Devido às críticas recebidas e da polêmica gerada em torno dessa cena, a Netflix anunciou em julho de 2019 que o episódio foi editado e não mais mostrava explicitamente o suicídio de Hannah ou os minutos que o precederam. Assim, a cena foi retirada e o episódio retratava apenas a garota se olhando no espelho e a mãe encontrando o corpo da filha na banheira posteriormente (BEZERRA, 2019).

Embora o suicídio de Hannah Baker tenha sido retratado de maneira explícita e realista no seriado, as circunstâncias que o permeiam foram idealizadas e mostradas de maneira fantasiosa, transformando o suicídio de uma jovem em um espetáculo e um jogo de manipulação e vingança por parte dela.

3.3 O CONCEITO DE ROMANTIZAÇÃO

Ao pesquisar sobre a temática da romantização em plataformas de materiais acadêmicos, percebeu-se que não há um conceito científico sobre ela, mas uma vasta quantidade de materiais que se referem à romantização de modo pouco sistemático, às vezes, muito de acordo com a crença de cada autor e sua relação com a temática da publicação. Desta forma, encontram-se trabalhos relacionando o fenômeno da romantização a vários temas, como maternidade, violência doméstica, relacionamentos abusivos, pedofilia, linguagem, deficiências físicas e até mesmo crimes passionais.

Visto isso, fez-se necessária para a elaboração deste trabalho a sistematização dos dados acerca da romantização e a criação de um conceito científico que a descreva, para entender de fato o que a comunidade científica chama de “romantização”. Assim, com base nessa sistematização, essa pesquisa tem como objetivo analisar a obra *13 Reasons Why* a fim de compreender se, de fato, ela retrata o suicídio de maneira romantizada. Para tanto, foram analisadas 14 publicações e criadas 3 categorias de análise para compreender o que esses trabalhos veem em comum acerca da romantização. As bibliografias foram lidas, sistematizadas e analisadas uma a uma, destacando os pontos que se referiam ao fenômeno de romantização, sendo posteriormente registradas em fichas de leitura, que visavam reunir informações sobre as características relacionadas pelos autores ao fenômeno de romantização.

As publicações utilizadas para a criação das categorias de análise foram Psicologização do machismo e romantização da violência de gênero no filme *Wifi Ralph* (SILVA; GONZAGA, 2020); A romantização da violência na revista *Nova Escola* (DE BARROS; MARÇAL, 2018); Toni Morrison e a origem dos outros (SILVA, 2020); A eficácia do dispositivo materno: possíveis influências da romantização da maternidade na saúde mental de mães-solo na cidade de Arcoverde-PE (ROLIM; OLIVEIRA; PEREIRA, 2021); Literatura clássica: a presença de pedofilia em obras famosas e sua relação com a cultura da pedofilia no cenário mundial (BONFADA; FREITAS; ANTUNES, 2020); Romantização do trabalho voluntário: um estudo sobre a Rio/2016 (OLIVEIRA; DORENSKI, 2020); O processo de romantização das deficiências (DA SILVA MONTEIRO, 2007); Crimes passionais: a romantização da mídia e a tese de defesa da honra em homicídios "por amor" (HAUSER *et al.*, 2017); Compreensão e análise da temática do suicídio em obras da literatura romântica (COSTA, 2018); Cinema e história: violência extremada e glamourização do crime na máfia norte-americana representada em "Os bons companheiros" (1990) (BUNDCHEN, 2020); Escola dos anos 80: John Hughes e a romantização capitalista da adolescência (CUNDARI; RUGGI; FRANCISCO, 2021); Quando transformamos violência em amor: uma possibilidade de análise sobre o relacionamento de Heloísa e Abelardo (MARQUES, 2020); *13 Reasons Why*: uma análise da difusão do suicídio a partir da série (RIBEIRO *et al.*, 2018); e A representação da depressão e do suicídio em *13 Reasons Why* (SANTOS, 2018).

Como facilmente se percebe ao ler os títulos das obras analisadas, pode-se inferir que o fenômeno da romantização não se limita a uma temática específica, mas a uma vasta quantidade de questões, que aqui chamaremos de "problemas". Em virtude disso, cada autor se referia à romantização de forma específica, de maneira a relacioná-la com o problema proposto em seu trabalho. Entretanto, existiam características em comum, expressas com palavras e ideias, que eram usuais e recorrentes em todas as obras. Assim, essas características foram classificadas e foram obtidas três categorias de análise, através das quais a obra audiovisual *13 Reasons Why* foi analisada. Essas categorias foram nomeadas de acordo com as características que as compunham, sendo: 1) Quando está frio no tempo do frio, 2) O fogo que arde sem se ver e 3) País das Maravilhas.

Tabela 1: Categorias de análise para conceituar a romantização

CATEGORIA	CARACTERÍSTICAS	PRESENÇA NA BIBLIOGRAFIA
<i>QUANDO ESTÁ FRIO NO TEMPO DO FRIO – PRIMEIRA CATEGORIA</i>	NATURALIZAÇÃO DO PROBLEMA, MINIMIZAÇÃO DO PROBLEMA, LEGITIMAÇÃO DO PROBLEMA, BANALIZAÇÃO DO PROBLEMA, NEGLIGÊNCIA EM RELAÇÃO AO PROBLEMA E OCULTAÇÃO DO PROBLEMA.	12
<i>O FOGO QUE ARDE SEM SE VER – SEGUNDA CATEGORIA</i>	O PROBLEMA É RELACIONADO AOS AFETOS, O PROBLEMA RECEBE CONOTAÇÃO POSITIVA.	8
<i>PAÍS DAS MARAVILHAS – TERCEIRA CATEGORIA</i>	O PROBLEMA É FANTASIADO, O PROBLEMA É GLAMORIZADO, O PROBLEMA É LIGADO AO HEROÍSMO.	8

3.3.1 Quando está frio no tempo do frio – naturalização do problema

A primeira categoria, como sugere o nome oriundo da poesia homônima de Alberto Caieiro, heterônimo de Fernando Pessoa (1993), relaciona-se com o natural. Em suas palavras:

“Quando está frio no tempo do frio, para mim é como se estivesse agradável, Porque para o meu ser adequado à existência das cousas O natural é o agradável só por ser natural. Aceito as dificuldades da vida porque são o destino, Como aceito o frio excessivo no alto do Inverno — Calmamente, sem me queixar, como quem meramente aceita, E encontra uma alegria no fato de aceitar — No fato sublimemente científico e difícil de aceitar o natural inevitável” (PESSOA, 1993, p. 92).

Portanto, a primeira categoria diz respeito à naturalização do problema, tendo como características a minimização, banalização, legitimação e ocultação do problema, bem como a negligência em relação a este. A primeira categoria é a mais recorrente e aparece explicitamente em quase todas as 14 publicações, tendo sido expressa em 12 destas. Silva e Gonzaga (2020), em seu estudo sobre a romantização da violência de gênero, reforçam a conexão da romantização com a naturalização e a legitimação quando dizem:

Este processo de romantização é problemático por duas razões. Primeiro por reproduzir o entendimento de que as demonstrações de afeto são válidas quando “excessivas”, e, em seguida, por considerá-las justificativas legítimas para a violência (SILVA; GONZAGA, 2020, p. 10)

As mesmas autoras exemplificam a legitimidade da categoria ao afirmarem que a visão romantizada do problema decorre da naturalização e acarreta a minimização do problema (SILVA; GONZAGA, 2020). Corroborando com esta ideia, De Barros e Marçal (2018), a respeito da romantização da violência na Revista Nova Escola, explicam que “a abordagem da revista reduz a problemática das violências às relações manifestas, abordando a violência a partir de uma ótica romantizada” (DE BARROS; MARÇAL, 2018, p.1) e, com esse posicionamento, minimizando o problema da violência no ambiente escolar.

Silva (2020), parafraseando Morrison (2019), diz que as nações se utilizavam da força bruta e da romantização para tornar palatável e caráter desumano da escravidão. Ou seja, a romantização age no sentido de minimizar grandes problemas – reduzindo sua dimensão e relevância –, naturalizar o que é histórico e legitimar o injustificável, fazendo com que a problemática receba um viés de normalidade e seja vista como banal, promovendo a negligência em relação a um problema latente.

Em *13 Reasons Why* podemos perceber algumas características desta categoria. Uma das cenas da segunda temporada da série mostra Zach e Alex, dois dos treze porquês, conversando na escola após a tentativa de suicídio malsucedida de Alex. Quando Alex tenta falar sobre o ocorrido com o colega, este o repreende, dizendo que após os casos relacionados ao suicídio de Hannah Baker e a tentativa do próprio Alex Standall, o assunto foi proibido no ambiente escolar, sendo sujeito à suspensão imediata aquele que fosse flagrado comentando sobre.

Nessa cena, nota-se claramente uma tentativa de ocultar o problema, cuja existência a própria direção assume. Com isso, o problema foi negligenciado, tendo sido retirados os cartazes e demais elementos que faziam relação à prevenção do suicídio, que haviam sido disseminados nas instalações da escola em virtude do suicídio de Hannah Baker. A proibição em relação ao assunto cria um tabu sobre a temática do suicídio, que acaba por minimizar a importância do fenômeno e torná-lo tão banal a ponto de não merecer reconhecimento.

Nas fitas deixadas, Hannah reconstrói sua trajetória de dor e sofrimento, explicando as razões de sua decisão de tirar sua própria vida, o que pode causar no telespectador o entendimento de que o suicídio se justifica pelas razões expressas por ela, causando uma sensação de legitimação daquele problema. Nessas fitas, Hannah por diversas vezes expressa um desejo de vingança, que se consuma ao colocar o agressor no lugar da vítima que. A ameaça de que Tony, um amigo de confiança de Hannah, irá tornar as fitas públicas caso os ouvintes não sigam exatamente as instruções deixadas por ela e frases como “eu vou fazer jogos mentais com você como você fez comigo” (13 REASONS WHY, ep. 7) evidenciam esse desejo de que o ouvinte, um dos treze porquês, sinta na pele as sensações desagradáveis que ela viveu.

Embora o fato de as fitas de Hannah representarem o desejo de vingança em relação àqueles que a feriram, seu sofrimento e sua trajetória estão ali expressos. Trajetória esta cujo final provavelmente teria sido diferente se ela não tivesse sido bombardeada com bullying, assédio, estupro, negligência e violências de todos os tipos.

Na série, há falas de diversos colegas de Hannah que, pela falta de simpatia em relação a ela, minimizam seu sofrimento e a colocam em posição de anti-heroína na história. Uma dessas falas é a de sua colega Jéssica, quando tenta convencer Clay de que Hannah é falsa e mentirosa, e suas fitas não deveriam ser levadas a sério. Outra fala, mais agressiva e hostil, é a de Justin, também um dos treze porquês, quando diz a Clay que, quer tenha sido o que Hannah achou que viu, ela mentiu sobre isso nas fitas, afinal ela é apenas uma “doida que se matou para chamar a atenção” (13 REASONS WHY, 2017, ep. 9).

Ryan, um dos treze porquês, em uma conversa com o conselheiro Kevin Portner, comenta sobre um poema muito íntimo de Hannah que foi publicado na escola sem seu consentimento, fazendo com que ela fosse hostilizada e julgada como promíscua. Ryan, embora fosse mentira, diz ter recebido o bilhete de maneira anônima e adiciona: “não é a primeira vez que recebo material deste tipo. Angústia adolescente, sabe? Sempre é popular. Mas não é só porque escreve algo que vai realmente fazer” (13 REASONS WHY, 2017, ep. 9). A fala claramente mostra como condutas como essa são comuns entre os adolescentes daquele ambiente, naturalizando o problema da angústia e da ideação suicida.

No mesmo episódio que fala sobre a publicação do poema de Hannah, quando confrontado pelo pai da jovem, o conselheiro Portner parece dar pouca importância às palavras de Hannah naquela publicação, dizendo ao pai de Hannah que é comum que adolescentes falem em sumir. A conduta expressa minimização, naturalização e banalização do problema citado, levando à negligência e enquadrando-se nesta categoria como romantização. Um trecho da poesia chama a atenção de Andy:

Em quantos círculos eu posso andar antes de desistir de procurar?
Quanto tempo até eu me perder de vez?
Deve ser possível nadar no oceano da pessoa que você ama sem se afogar.
Deve ser possível nadar sem você mesmo se transformar em água.
Mas eu continuo engolindo o que eu pensava ser ar.
Eu continuo encontrando pedras amarradas aos meus pés.
(13 REASONS WHY, 2017, ep. 8).

Além de minimizarem e banalizarem o suicídio de Hannah, alguns colegas também têm essa mesma percepção em relação aos abusos sofridos pela colega, naturalizando-os. Marcus, um dos treze porquês, tenta convencer Clay dizendo que “nada do que fizeram a ela é diferente daquilo que acontece com toda garota em todo colégio. Ela só queria atenção” (13 REASONS WHY, 2017, ep. 3). Skye, outra amiga de Clay, diz a ele que considera burrice o que Hannah fez, afirmando que ela não passou por nada diferente do que os outros passaram e que, enquanto os outros superaram, Hannah decidiu

tirar a própria vida. Ao ser questionada sobre as marcas de automutilação em seu braço, Skye responde à Clay: “é isso que você faz ao invés de se matar. Suicídio é para os fracos” (13 REASONS WHY, 2017, ep. 11).

Uma das falas que mais naturalizam o suicídio de Hannah veio de seu próprio pai, Andy Baker que, num momento de discussão com sua esposa que atribui a culpa do suicídio a um empréstimo para mudar de cidade, diz:

Se não tivéssemos aceitado o empréstimo, comprado a loja e nos mudado para cá Hannah ainda estaria naquela escola gigante e impessoal com aquelas garotas horríveis e talvez as coisas teriam acabado do mesmo jeito (13 REASONS WHY, 2017, ep. 7).

Essa afirmação leva a crer que o comportamento de Hannah poderia ter sido o mesmo sob outras circunstâncias e em outro lugar, evidenciando que em todos os colégios existem jovens cruéis e atribuindo a Hannah a responsabilidade sobre sua decisão, como se seu comportamento suicida tivesse sido natural e, portanto, inevitável. Afinal, segundo seu pai, o resultado poderia ter sido o mesmo independentemente do local onde Hannah estivesse morando ou estudando.

A própria Hannah, em suas fitas, diz que “às vezes o futuro não acontece do jeito que você imagina. Merdas acontecem e pessoas são uma droga. Talvez tenha sido por isso que eu parei de escrever e comecei a gravar fitas” (13 REASONS WHY, 2017, ep. 8). Nesta fala, pode-se compreender a ideia de que Hannah, já envolvida pela ideia suicida, entendia as pessoas, o mundo e o futuro como naturalmente negativas, justificando assim o fato de ter encontrado o suicídio como única alternativa para lidar com seu sofrimento.

É necessário ressaltar que, embora as falas sejam de personagens do seriado, compreende-se que cada um deles têm uma ideia diferente a respeito do ocorrido. Entretanto, a série, de maneira geral, traz cenas e falas que minimizam, banalizam e naturalizam as dores e o suicídio de Hannah, transmitindo a ideia de que toda adolescente na idade dela está sujeita a passar por situações semelhantes às que ela vivenciou. Esse posicionamento pode servir também para evidenciar a cultura machista, abusiva e até mesmo cruel à qual os adolescentes estão expostos no ambiente escolar, gerando assim reflexões no telespectador e na sociedade em geral para que ações sejam direcionadas a corrigir as falhas desse sistema que adoce e ceiva vidas de muitos adolescentes.

Para finalizar esta categoria, pode-se citar uma das percepções que a série pode instigar: a de que o suicídio é uma escolha lógica. Hannah, ao longo dos treze primeiros episódios da primeira temporada, explica de maneira racional e fundamentada os motivos que a levaram a tirar a própria vida, sendo todos até mesmo cronologicamente ordenados. Essa visão de que o suicídio é uma escolha lógica ou coerente reforça o viés de naturalização que recai sobre a obra, podendo disseminar a ideia de que o suicídio é nada mais que uma opção para resolver problemas.

3.3.2 O fogo que arde sem se ver – o problema é relacionado aos afetos

A segunda categoria diz respeito ao viés emocional relacionado ao fenômeno de romantização. Este fenômeno comumente relaciona um problema aos afetos, principalmente ao amor, o que por vezes faz com que o problema, embora seja algo negativo, tenha conotação positiva. Desta forma, o verdadeiro sentido do problema em questão é distorcido e a relevância de sua discussão diminui.

A nomenclatura da categoria, oriunda do poema homônimo de Luiz Vaz de Camões (2002), demonstra metaforicamente o comportamento de relacionar algo bom a algo ruim através dos afetos, bem como ilustra a confusão perceptiva que isso pode promover vista a complexidade de certos temas.

Em suas palavras:

Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor.
(CAMÕES, 2002, p. 119).

Não raramente se encontram poemas, canções e obras audiovisuais que, ligando um problema aos afetos, deixam transparecer a ideia de que aquela problemática tem um sentido belo, alterando e revertendo a significação envolta na mesma. Ainda, em concordância com De Barros e Marçal (2018) em seu estudo sobre a romantização da violência, a violência romantizada aparece também em matérias, notícias, entrevistas e imagens. Mesmo que as autoras se refiram à Revista Nova Escola em específico, pode-se compreender que a romantização não se manifesta apenas em palavras, mas estende-se a simples imagens e a maneiras específicas de comunicar algo.

De maneira a exemplificar as características de romantização desta categoria, pode-se citar Silva e Gonzaga (2020) que, em seu estudo sobre a romantização do machismo, demonstram que esse fenômeno contribui efetivamente para a manutenção das relações não saudáveis, abusivas e violentas, pois sustenta a relação inerente entre amor e violência.

Corroborando com as autoras, outros pesquisadores, falando sobre os megaeventos esportivos, expõem que as campanhas anteriores aos eventos são produzidas com o objetivo de persuadir possíveis voluntários, envolvendo-os emocional e afetivamente para que estes imaginem que estão fazendo parte

de algo maior que eles (OLIVEIRA; DORENSKI, 2020). Os mesmos autores, relatando em seu trabalho que as condições às quais os voluntários são submetidos são, por vezes, degradantes. Portanto, pode-se perceber a tentativa de eliciar afetos, que seriam o foco da experiência e teriam como objetivo aligeirar o peso dos pontos negativos dessa mesma vivência.

Um famoso caso em que se pode ver claramente a romantização na qual o problema – no caso, suicídio –, é ligado ao amor, é a história de Romeu e Julieta, onde os personagens principais cometem suicídio por acreditar que a vida não teria sentido na ausência do objeto de seu amor. Desta forma, o percurso extremamente doloroso vivido pelo casal foi transformado em algo admirável, levando à percepção romantizada de que o ato suicida teria sido uma prova de amor e causando a admiração da morte (COSTA, 2018). Percebe-se na obra Shakespeareana a tentativa de emocionar o leitor através da identificação com as personagens e da romantização da problemática do suicídio, sinalizando assim o fenômeno de romantização na obra.

Embora se possa argumentar que a romantização esteja nos olhos de quem lê, nota-se nesta e em outras obras o claro intento de eliciar respostas emocionais no consumidor, que se percebe através de narrativas, escolha de trilhas sonoras e imagens cujo resultado é a expressão de ideias que incluem características descritas nestas três categorias de análise. Um nítido exemplo é que Romeu e Julieta é considerado um clássico amplamente conhecido, divulgado e apreciado, onde as críticas pelo viés romântico da obra raramente são vistas, sobressaindo assim o apreço pela obra e pelo que ela representa.

No oitavo episódio também há uma clara ligação do ato suicida aos afetos, quando Justin, incomodado com a atitude vingativa de Clay, sugere aos colegas que ele seja assassinado para que os segredos das fitas não sejam revelados. Alertado sobre a gravidade do que estava dizendo, Justin questiona: “e se fizermos parecer um suicídio? Não seria trágico? Um casal de apaixonados sem sorte ou algo assim” (13 REASONS WHY, 2017, ep. 8). Essa cena, além de ilustrar como o clássico Romeu e Julieta ainda vive e ressoa na sociedade e na arte contemporânea, também demonstra a romantização na série ao expressar a ideia de que o suposto suicídio de Clay seria compreendido e se justificaria socialmente pelos afetos dele por sua amada, que a esse ponto jazia morta.

Sobre o ponto que se refere à morte voluntária como uma tentativa de aproximar-se do objeto amado que faleceu: quando Clay ameaça pular de um penhasco após ouvir a fita destinada a ele, imerso no sentimento de culpa, Tony o questiona tentando fazê-lo recuar: “para morrer? E ficar com Hannah para sempre?” (13 REASONS WHY, 2017, ep. 11). Embora a intenção de Tony tenha sido salvar a vida do amigo, outras palavras não romantizadas poderiam ter sido escolhidas para fazê-lo. Assim, mais uma vez a clássica romantização “Romeu e Julieta” se expressa na série.

Em *13 Reasons Why*, a forma poética e metafórica com a qual Hannah frequentemente fala nas fitas onde explica os motivos de seu suicídio podem ser consideradas romantizadas na medida em que as belas palavras escondem o viés horrendo que permeia o ato suicida. Essa forma de narrativa que pode facilmente produzir uma percepção romantizada do acontecido, de acordo com Ribeiro *et. al.* (2018), causa o enternecimento do público, originando sentimentos de identificação e impactando os telespectadores, gerando assim manifestações emocionais e comportamentais suscitadas pelo conteúdo apresentado.

Um exemplo das narrações de Hannah onde o suicídio e a angústia são expressos de maneira poetizada se encontra no 8º episódio, onde ela narra um poema sua própria autoria, expressando seus sentimentos de solidão e angústias de maneira bela: “Algumas garotas sabem as letras das músicas umas das outras. Encontram harmonias em seu riso. [...] E se eu não conseguir cantarolar? E se minhas melodias forem as únicas que ninguém ouve?” (13 REASONS WHY, 2017, ep. 8).

Embora a poesia e a arte de maneira geral sejam expressões genuínas dos sentimentos, expor de maneira poética e aligeirada as angústias que tiraram a vida de uma adolescente não é uma atitude responsável, pois pode suscitar o olhar de beleza e aligeirar a ideia do que o suicídio realmente representa. Mostrar como ações de bullying, abuso e violência afetam negativamente a vida das pessoas é um grande acerto da série, mas a forma poetizada na qual o suicídio frequentemente se expressa é o assunto do qual trata este ponto.

Além disso, ainda de acordo com Ribeiro *et. al.* (2018), a série trata o suicídio da protagonista não como “algo ‘consumado’ – que se dá por meio de diversos motivos e não é glorificado – e sim como ‘bem-sucedido’ – retratando como uma justificativa para lidar com problemas pessoais.” (RIBEIRO *et. al.*, 2018, p. 7). Com essa visão de “bem-sucedido”, o suicídio deixa de ser visto de maneira negativa e recebe conotação positiva, como se representasse a fuga e o fim de todo o martírio pela qual o destino expôs a jovem moça.

Por fim, a maior ilustração de romantização desta categoria na série se dá pelo esforço da produção em instigar no telespectador a ideia de que o futuro de Hannah teria sido diferente se ela e Clay tivessem vivido um relacionamento amoroso. Tanto que, na própria série, Clay diz ao conselheiro uma das frases mais marcantes da série: “uma garota morreu porque eu estava com medo de amá-la” (13 REASONS WHY, 2017, ep. 13).

Além desta, há diversas outras cenas e falas que estimulam a ideia de que o relacionamento amoroso de Hannah e Clay teria mudado o curso da história. Uma dessas cenas, no episódio que fala sobre o evento de Dia dos Namorados na escola que unia casais através de um algoritmo, Hannah, decepcionada por não ter saído na lista de Clay, se questiona que, se ela tivesse saído na lista de outra pessoa então tudo poderia ter sido diferente. No mesmo episódio ela afirma, após o encontro

malsucedido que foi sugerido pelo algoritmo, que não acabou com a pessoa que poderia ter sido a certa (13 REASONS WHY, 2017, ep. 6).

Em outro episódio da série, Hannah fala novamente sobre sua vida nas fitas enquanto a imagem foca em Clay: “talvez eu estivesse andando com as pessoas erradas. Talvez eu pudesse recomeçar com a pessoa certa.” (13 REASONS WHY, 2017, ep. 9). Em outro episódio, que mostra a continuação da mesma noite em que Hannah fez a suposição citada anteriormente, Hannah e Clay se beijam. Sobre isso, ao mesmo tempo em que cenas dos dois de mãos dadas e felizes são mostradas na série, Hannah diz: “naquele momento tudo estava perfeito. E pela primeira vez em muito tempo, eu podia imaginar um futuro onde eu era feliz. Como a vida poderia ser boa. E sei que você também sentiu.” (13 REASONS WHY, 2017, ep. 11).

Essa cena é, entre todas, a que mais passa ao telespectador a ideia de que o relacionamento amoroso dos dois, que eram apaixonados, teria feito Hannah mudar de ideia sobre suas chances de felicidade. Envolvendo uma narrativa bela, o tão aguardado beijo do casal, a imagem dos dois de mãos dadas e finalmente juntos na escola, a música e todos os elementos que compõe a cena, transmitem a ideia de esperança a quem assiste e muito provavelmente foram escolhidas estrategicamente para eliciar esses sentimentos. Mostra como Hannah, no fundo, desejava ser aceita e amada.

A série mostra, ao longo dos treze primeiros episódios – que explicam as razões de Hannah para o suicídio –, vários fatores que a levaram a tomar essa decisão, afinal abuso psicológico, desrespeito, violência e até estupro foram descritos por Hannah nas fitas. Entretanto, embora demonstre frequentemente que o suicídio é fruto de várias questões interligadas – caracterizando-o como multicausal –, a série relaciona fortemente o problema do suicídio aos afetos, principalmente ao amor, dando sempre a entender que o amor de Clay teria salvado Hannah de seu próprio destino cruel.

3.3.3 País das maravilhas – o problema é fantasiado

O País das Maravilhas, visitado por Alice no conto de Lewis Carrol (2002), é um lugar encantado onde a fantasia se expressa de maneira vívida. Animais podem falar, gatos detêm o poder da invisibilidade, existem poções que fazem com que pessoas diminuam e bolinhos que fazem com que cresçam. A terceira e última categoria, portanto, refere-se à fantasia, como o próprio nome já sugere, bem como se relaciona ao afastamento da real significação do problema.

Aqui o problema, além de fantasiado, também é glamourizado e comumente se encontra relacionado a atos de heroísmo, passíveis de admiração e louvor. Esta categoria relaciona-se fortemente com casos de suicídios que Durkheim (2000) denomina como altruístas, sendo caracterizados pelo sacrifício em prol de uma causa maior que a própria pessoa, frequentemente sendo atribuídos estereótipos de nobreza e bravura a esses atos suicidas.

Para exemplificar de que maneira essa categoria se apresenta, pode-se citar um estudo sobre o suicídio em obras românticas, onde o autor diz que ao romantizar o suicídio, os autores negam a gravidade do problema, retratando os suicidas como guerreiros que esgotaram suas estratégias, ao invés de reconhecer que uma alma desesperada deixou o mundo (COSTA, 2018).

Já Da Silva Monteiro (2007) ilustra a ligação do problema ao heroísmo quando, em seu estudo sobre pessoas cegas que realizam atividades totalmente voltadas à visão – como desenho e fotografia –, relata que a romantização dessa realização muito mais se dá pelo ato heroico representado pela vitória sobre as limitações do que para o próprio desfrutar de quem as realiza. Para ela, a cegueira seria vista como um superpoder e que a pessoa cega poderia desempenhar qualquer função apesar dela (DA SILVA MONTEIRO, 2007). Desta forma, pode-se observar o viés do heroísmo envolto no fenômeno da romantização.

O conceito de herói mudou com o passar dos séculos, pois as sociedades e os indivíduos também sofreram alterações com a passagem do tempo (CAMPBELL, 2007), refletindo assim no conceito de bravura e honra, comumente atribuídos aos heróis. Dentre os tipos de heróis contemporâneos, podemos citar o que Umberto Eco nomeia como “herói justiceiro” que está disposto a restaurar a ordem e fazer justiça com as próprias mãos, corrigindo assim o erro que originou sua jornada (ECO, 2007).

Em *13 Reasons Why*, percebe-se que o verdadeiro herói é Clay Jensen, que se apresenta como um rapaz bondoso e valoroso, características atribuídas com frequência aos heróis modernos. Embora no começo Clay não demonstre ser corajoso, sua bravura se manifesta quando percebe o quanto Hannah, sua amiga e objeto de seu amor, foi injustiçada, não medindo esforços para vingá-la. Em um dos episódios, quando Clay começa a vingar Hannah, ele é questionado por Tony, que tenta convencê-lo a apenas ouvir as fitas e passá-las adiante conforme Hannah pedira. Neste momento, para explicar sua atitude de vingança, Clay diz que está fazendo justiça por conta própria (13 REASONS WHY, ep. 4).

Em uma das cenas da série, na qual Clay ameaça pular de um penhasco para cometer suicídio, Tony o questiona: “isso faz de você o quê? Deus?” (13 REASONS WHY, 2017, ep. 11). Pode-se observar nessa fala a ideia latente de que o suicídio seria visto como um ato heroico, pois nesse caso Clay desejava a morte como punição por ter motivado o suicídio de Hannah, pois ele afirmava que a havia matado. A renúncia à vida seria, para ele, uma reparação do dano que havia causado e seria compreendida até mesmo como algo justo e merecido.

Hannah Baker não é a heroína da história, pois as fitas, embora representem seu desejo de vingança, não são feitas para melhorar o mundo, mas evidenciam o jogo de culpa e manipulação tramados por ela. Nas primeiras frases da primeira fita, ela ameaça os colegas que as recebem e diz

que, caso eles não cumpram as regras que ela estabeleceu nas fitas, seus segredos obscuros seriam revelados por alguém de sua confiança que tinha a cópia dos áudios. Ainda que Hannah também tivesse a intenção de causar reflexão sobre as atitudes dos colegas, a obrigação e ameaças que ela deixa ao fazê-lo não são características heroicas.

Embora o suicídio tenha sido mostrado de maneira demasiadamente explícita na série, ainda recai sobre ela o viés da fantasia, pois todo o esforço de Hannah em deixar fitas gravadas e arquitetar todo um plano de vingança que ela sequer assistiria do além-túmulo é, no mínimo, entendida como cinematográfico e fantasioso. Entretanto, como Romeu e Julieta inspirou casais desafortunados ao redor do mundo, a atitude de Hannah Baker também poderia influenciar pessoas que se identificam com ela, sua trajetória e seu sofrimento.

Em 2017, dois meses após a estreia da série, um jovem peruano cometeu suicídio após deixar fitas cassetes gravadas e destinadas às pessoas que ele considerava que o haviam levado àquela decisão. Como no caso de Hannah, também havia instruções sobre como as fitas deveriam ser ouvidas. Ele se atirou do quarto andar de seu prédio após gritar sua infelicidade por sofrer outra desilusão amorosa (SALGADO, 2017). Pode-se argumentar que esta tenha sido apenas uma infeliz coincidência, mas as semelhanças com a trama e o período no qual a tragédia ocorreu sugerem fortemente que o jovem pode ter se inspirado em Hannah Baker ao planejar seu suicídio.

Hannah sucumbe às dores que lhe atravessam e desiste de sua jornada, o que não é permitido aos heróis, já que estes crescem perante as adversidades e, se morrem ao final da jornada, o fazem realizados, embebidos no sentimento de “missão cumprida”. Portanto, no que se relaciona à terceira categoria, o perigo de *13 Reasons Why* está na interpretação equivocada do telespectador de que Hannah Baker seja a heroína da trama, o que poderia levar à repetição do comportamento suicida pela identificação e empatia que se originam em relação à personagem ao assistir a série.

3.4 A RESPONSABILIDADE EM FALAR SOBRE SUICÍDIO: O EFEITO WERTHER

Em 1974, na Alemanha, Wolfgang van Goethe dava vida a Werther em seu romance intitulado “Os Sofrimentos do Jovem Werther”. Da mesma forma em que a vida lhe foi dada pelo escritor, Werther teve sua alma literária ceifada em um trágico final escolhido por Goethe: o triste e melancólico suicídio fomentado pelas angústias de um amor não correspondido (GOETHE, 2010).

Em sua obra Goethe conta a história de Werther, um jovem apaixonado que, diante da impossibilidade de viver uma história de amor com sua amada em virtude do compromisso desta com outro homem, decide que renunciar a sua existência seria menos doloroso do que viver sem o objeto de seu amor: Charlotte. Com isso, dispara contra si mesmo à queima-roupa, marcando o que viria a ser um dos maiores suicídios da literatura mundial (DAPIEVE, 2007).

Na época em que a obra de Goethe foi escrita, o estilo artístico predominante era o Romantismo, que se caracterizava pela valorização do próprio indivíduo, atribuindo grande relevância a seus dramas, dores, sentimentos, ideais e desejos (MARANHÃO; BELMONTE, 2018). Nessa época, a vida era vivida como se fosse, de fato, uma obra ficcional, dadas as influências artísticas e literárias sobre seus apreciadores.

De acordo com Rosenfeld e Guinsburg (1978), no apogeu do movimento romancista, que sucedeu o classicismo na Europa,

o subjetivismo radical derrama-se incontido, como já se viu na autoexpressão do artista, no ímpeto irracional, o gênio original e a exaltação dionisíaca sobrepõem-se à contenção, à disciplina apolínea da época anterior (ROSENFELD E GUINSBURG, 1978, p.6).

Apesar de ter conquistado grande apreço literário, a obra de Goethe também carrega consigo a marca dos suicídios em massa que se sucederam à publicação da obra. Alguns exemplares do livro foram encontrados junto aos corpos, já sem vida, de pessoas que selaram um destino semelhante ao de Werther ao renunciar à própria vida com um tipo de pistola, tal qual o personagem o fizera no romance. Com esse fato, a expressão “Efeito Werther” passou a ser utilizada para designar casos de suicídios que inspiram outros suicídios (DAPIEVE, 2007).

As mortes voluntárias inspiradoras geralmente são de atores, músicos, celebridades e pessoas influentes em geral, não se limitando somente a personagens fictícios. Um caso recente é o suicídio de Robin Williams, que tirou a própria vida em 2014 e gerou uma onda de mortes autoprovocadas nos últimos meses daquele mesmo ano. A cobertura do ocorrido mostrou que a mídia, embora se esforce para noticiar os fatos de maneira imparcial e correta, comumente comete erros quando o assunto é suicídio (MARANHÃO; BELMONTE, 2018).

A indústria do entretenimento, por sua vez, não parece ter o mesmo pudor ao abordar o tema do suicídio, tal qual o pretende o jornalismo. Pela liberdade artística da qual a ficção goza, muitos erros são cometidos ao apresentar a morte voluntária, podendo, assim, gerar um novo Efeito Werther. Embora existam protocolos disponibilizados por órgãos regulamentadores para orientar a mídia na exibição do suicídio, certas produções não estão de acordo com as regras, causando impactos significativos na população (MARANHÃO; BELMONTE, 2018).

Para evitar um novo Efeito Werther, a Organização Mundial da Saúde criou no ano 2000 um manual intitulado "Prevenção do suicídio: um manual para os profissionais da mídia", que tem como objetivo orientar os profissionais na divulgação de notícias e demais publicações que envolvessem o suicídio. Essas instruções orientam o profissional a abordar a temática do suicídio de maneira apropriada, cuidadosa e potencialmente útil, ao passo em que a mídia tem o poder de influenciar atitudes, crenças e comportamentos. Ademais, o manual pontua que a disseminação de informações

pode ser utilizada tanto na prevenção de novos suicídios quanto influenciar na ocorrência de novos casos, demonstrando assim a importância de se utilizar do bom senso e da responsabilidade ao tratar desse assunto (SOUSA; CARVALHO, 2019).

O suicídio e o Efeito Werther se tornaram assuntos recorrentes na mídia após a estreia da série americana *13 Reasons Why*, que foi acusada de romantizar o suicídio. O palco foi dado a essas temáticas pelo impacto causado nos telespectadores ao assistir a série, que descortinava sem nenhum pudor a cena de suicídio de uma adolescente que utilizou lâminas para cortar os pulsos e sangrou até a morte na banheira de sua casa.

Embora a empresa responsável pelo seriado tenha retirado do ar a cena do suicídio de Hannah, cenas ainda muito pesadas são retratadas de maneira desvelada na série, como cenas de estupro, abuso de substâncias e violência. Toda a repercussão gerada na trama pelo suicídio da personagem envolvia sentimentos desagradáveis dos personagens, sendo o principal deles a culpa.

Segundo Sousa e Carvalho (2019), a série está em desconformidade com as orientações propostas pela OMS por várias razões. Em primeiro lugar, as autoras expõem que, ao mostrar um culto no armário de Hannah após sua morte, é instaurada a percepção de glorificação e heroísmo da vítima, que pode sugerir às pessoas psicologicamente vulneráveis que o comportamento suicida é tido como honroso pelo social, podendo acarretar mais mortes voluntárias de pessoas que buscam na morte consoladora o reconhecimento e a afeição de seus pares.

Os colegas de Hannah, que antes tinham comportamentos hostis em relação a ela, passaram a homenageá-la, criando um memorial em seu armário e escrevendo matérias sobre ela no jornal da escola, sempre falando dela como se fosse uma pessoa adorável, mesmo que as condutas em relação à vítima fossem contrárias quando ela estava viva. Obviamente não seria melhor se Hannah fosse hostilizada após a morte pelos colegas, mas a atenção, os elogios e a glória que Hannah recebeu após sua morte podem levar à percepção de que o suicídio é um caminho para o reconhecimento ou a aceitação, influenciando assim pessoas que busquem por tais atitudes alheias.

Além do ponto de culto à pessoa suicida, as autoras também citam o fato de que a OMS julga como inadequada a conduta de procurar culpados pelo suicídio, que é o elemento basilar da obra audiovisual em questão (SOUSA; CARVALHO, 2019). Vida e morte de Hannah Baker foram transformadas em um jogo de manipulação que instaurava a culpa, pois, ao mesmo tempo em que seus pais buscavam na justiça responsabilizar a escola pela negligência em relação à filha e ao bullying que ela sofria, os colegas recebiam as fitas e, conseqüentemente, a culpa por sua decisão de renunciar à vida. Em poucas palavras, a Netflix foi totalmente contrária à recomendação da OMS em não atribuir culpados.

Ao assistir e analisar a série, é visível como a culpa consumia os personagens Clay Jensen e Alex Standall, que estavam visivelmente abalados pelas fitas deixadas pela colega. Alex teve uma fita dedicada por ter feito uma brincadeira de mau gosto com a colega, criando uma lista de “melhores e piores” da escola, onde classificava a bunda de Hannah como sendo a melhor de todas. Esse fato, segundo ela, colocou um alvo em seu corpo, fazendo com que ela fosse constantemente assediada pelos garotos da escola, o que a abalou profundamente. Clay, por sua vez, ganhou sua fita por ter atendido ao pedido de Hannah para que a deixasse sozinha durante uma festa após os dois terem se beijado. Hannah, por mais que quisesse beijar Clay e gostasse dele, teve inúmeros flashbacks de todos os traumas envolvendo assédios e por isso pediu para que ele a deixasse sozinha.

Clay demonstrava sentir culpa e chegou a ter alucinações envolvendo a colega, o que o levou a recriar toda a trajetória e reviver os sofrimentos que antecederam a morte de Hannah. Sofrimentos estes que, segundo ela, foram os motivos para seu suicídio. Ele chegou a sofrer acidentes de trânsito por estar pensando em seus sentimentos e foi à casa de Bryce, um dos porquês de Hannah, para questioná-lo sobre o que fez a ela, mesmo sabendo que seria agredido pelo rapaz.

Alex também se sentia culpado e constantemente dizia aos colegas que também haviam recebido as fitas que eles deveriam assumir a responsabilidade pelos seus atos e que Hannah, de maneira alguma, era mentirosa. Além disso, cenas de Alex se jogando na piscina, mergulhado em sua culpa, e as brigas nas quais ele constantemente se envolvia para ser punido de alguma forma evidenciam ainda mais a culpa sentida pelo rapaz. Alex, inclusive, tenta suicídio no último episódio da série, motivado pelo sentimento de culpa que carregava consigo.

A Netflix peca ao mostrar o método escolhido para o suicídio, o momento da morte e o corpo de Hannah, o que não é recomendado pela OMS por causar forte impacto nos telespectadores e ter o poder de eliciar comportamentos suicidas. A cena, embora tenha sido retirada do ar, não é a única em desconformidade com as recomendações (SOUSA; CARVALHO, 2019). Condutas romantizadas como essa na apresentação do suicídio são perigosas na medida em que podem influenciar o público e eliciar comportamentos suicidas, aumentando as taxas de mortes autoprovocadas, causando assim o fenômeno conhecido como Efeito Werther.

Entretanto, é necessário ressaltar que o objetivo desta pesquisa não é negar a importância da série, pois ela cumpre muito bem a função de ilustrar como atitudes negativas envolvendo violência, bullying, desrespeito, abusos e assédio podem influenciar e impactar a vida de uma pessoa. A série, ao denunciar todos os abusos sofridos pela personagem, evidencia que as atitudes hostis em relação aos pares devem ser repensadas para não gerar casos como o de Hannah Baker. Reflexões são originadas dentro da série, onde os alunos passam a prestar mais atenção uns nos outros e a preocupar-se com a saúde mental dos colegas. Em uma das últimas cenas da primeira temporada, Clay deixa evidente o

intuito da série de promover reflexões e mudanças quando diz ao conselheiro da escola: “o jeito como nos tratamos e cuidamos uns dos outros precisa melhorar de algum jeito” (13 REASONS WHY, 2017, ep. 13).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o suicídio perpassa a humanidade e se apresente de diferentes maneiras ao longo da história, sua discussão ainda não é totalmente aceita pela sociedade, visto que representa uma temática dolorosa. Mesmo assim, o fenômeno suicida está presente em todos os tipos de arte, abarcando da literatura às obras audiovisuais.

13 Reasons Why é uma série útil em sua intenção de fomentar o debate sobre o suicídio e a importância de sua prevenção, bem como promover a discussão sobre temáticas adolescentes relacionadas à empatia, bullying, abuso de drogas, depressão e violência sexual. Entretanto, a série peca na maneira como aborda o suicídio, pois a forma como a morte da protagonista é retratada leva à compreensão de que o ato é coerente, já que ela mostra de maneira lógica a série de fatos que culminaram na decisão de Hannah. Desta forma, a série é irresponsável e leviana na forma como retrata o suicídio. Cometendo mais erros do que acertos, *13 Reasons Why* dá espaço para a romantização do suicídio e pode inclusive, influenciar pessoas devido ao impacto que causa (RIBEIRO *et. al.*, 2018).

De acordo com a análise da obra, feita a partir da conceituação científica do que vem a ser a romantização, o suicídio é sim romantizado na série, uma vez que sua ideia latente e diversas cenas se encaixam no que foi postulado em cada categoria de romantização. Em cada uma das categorias, que agrupavam características que diziam respeito ao fenômeno de romantização, *13 Reasons Why* estava presente. A categoria que mais apareceu na série foi a primeira – quando está frio no tempo do frio –, que diz respeito à naturalização do problema. Em segundo lugar, a segunda categoria – o fogo que arde sem se ver –, que se refere à ligação do problema aos afetos. A categoria menos vista em cenas na série foi a terceira – país das maravilhas –, que se refere à fantasia do problema e sua ligação ao heroísmo. Entretanto, a compreensão equivocada do personagem principal e herói da série pode evidenciar a presença dessa categoria na obra audiovisual.

O estudo de Zimmerman *et. al.* (2017), que englobou a opinião de mais de vinte mil adolescentes que haviam assistido *13 Reasons Why*, demonstra efeitos benéficos e possível ação terapêutica na série, que levou a maioria dos adolescentes a repensarem suas atitudes relacionadas ao bullying que praticavam e à ideação suicida. Grande parte da amostra (41,3%) afirmou ter praticado bullying antes de assistir à série, e 90,1% destes diz ter diminuído os ataques ao outro após assistir ao seriado. Além disso, mais da metade dos jovens (65,6%) havia respondido que tinha ideação suicida prévia, sendo que 59,2% destes afirmaram ter pensado menos em tirar a própria vida após assistir *13 Reasons Why*.

O grande perigo da romantização em *13 Reasons Why* reside no apelo emocional e na possibilidade de que o telespectador se identifique com Hannah Baker e, já tendo ideação suicida prévia, tire a própria vida numa tentativa de imitar a protagonista ou até mesmo por perceber, da mesma forma que Hannah, que suas razões para o suicídio são lógicas, justificando assim o ato. Para isso, medidas foram tomadas pela produtora, que retirou a cena explícita de suicídio da série. Entretanto, a romantização no contexto e significado geral da série ainda existe e deve ser ressignificada pelos telespectadores para que um efeito positivo seja percebido.

As obras audiovisuais, bem como toda atividade que se relacione ao suicídio, precisam ter discernimento da importância de tomar certos cuidados para não causar em seus consumidores sentimentos de identificação e ideação suicida, deturpando o conceito em torno da morte voluntária e atribuindo a ele ideias de beleza e honra.

Todavia, mostrando a morte voluntária apenas no romance e na beleza fantasiada das obras clássicas, publicadas quando ainda não se falava em romantização do suicídio, o público corre o risco de continuar atribuindo ao fenômeno uma conotação positiva, como se fosse algo a ser admirado. Ou seja, é necessário que novas obras sejam feitas sobre a temática do suicídio e revelem os “porquês” que influenciam mortes voluntárias, assim como fez *13 Reasons Why* ao mostrar a realidade de milhares de pessoas. Entretanto, um olhar mais consciente e responsável deve recair sobre as edições destas produções, sempre atentas às possíveis consequências de expor o suicídio e aos manuais que orientam tais práticas.

Dito isso, conclui-se que é necessária a conscientização do lado obscuro e real do suicídio: o sangue, a dor, o desespero, o inevitável sofrimento dos que ficam e a inquestionável eternidade da morte, para que os indivíduos que a desejem voluntariamente repensem se realmente a querem ou se querem a versão romantizada do suicídio belo com a qual estão familiarizadas.

Entretanto, conscientizar de maneira responsável não envolve apelos emocionais, mas entregar uma amostra de realidade com responsabilidade. A mídia, de maneira geral, deve compreender os tabus que cercam o suicídio e descortiná-los pouco a pouco, não de maneira a impactar os indivíduos, mas de desvendar um tema onde poucos conhecem a realidade e muitos se entregam à romantização.

REFERÊNCIAS

13 reasons why [seriado]. Direção: joseph incaprera. Produção: selena gomez, brian yorkey, diana son, tom mccarthy, joy gorman wettels, steve golin, michael sugar, mandy teefey e kristel laiblin. Produtora netflix, 2017. 4 temporadas, 49 episódios. Son., color.

Alves-mazzotti, alda judith; gewandsznajder, fernando. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. In: o método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2000. P. 203-203.

American psychiatric association - apa. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: dsm-5. Porto alegre: artmed, 2014.

Bezerra, flávia. Netflix corta cena de suicídio em “13 reasons why”. Glamour, são paulo, 16 de jul. 2019. Disponível em: <<https://revistaglamour.globo.com/lifestyle/must-share/noticia/2019/07/netflix-corta-cena-de-suicidio-em-13-reasons-why.html>>. Acesso em: 03 set. 2021.

Bonfada, camilly martignoni. Literatura clássica: a presença da pedofilia em obras famosas e sua relação com a cultura da pedofilia no cenário mundial. Anais congrega mic- isbn: 978-65-86471-05-2 e anais mic jr- isbn: 978-65-86471-06-9, v. 14, p. 8, 2020. Disponível em: <<http://revista.urcamp.tche.br/index.php/congregaanaismic/article/view/3707>>. Acesso em: 15 set. 2021.

Bundchen, vitor bernardi. Cinema e história: violência extremada e glamourização do crime na máfia norte-americana representada em “os bons companheiros” (1990). Disponível em: <https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1602094002_arquivo_774bd80cd4e88c4c923ddd3bb513a071.pdf> acesso em: 15 set. 2021.

Camões, luís de – os lusíadas. 1.^a ed. Lisboa: rei dos livros, 2002.

Campbell, joseph. O herói de mil faces. São paulo: ed pensamento, 2007.

Cancelli, elizabeth. Vargas, a paixão de um suicídio: o irracional e a magia do ato. Sem data. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/download/27710/23815/58122>>. Acesso em: 20 set. 2021.

Carrol, lewis. As aventuras de alice no país das maravilhas. Rio de Janeiro: jorge zahar ed., 2002. Através do espelho.

Cattapan, pedro. Moralização do suicídio?. Revista iluminart, v. 1, n. 9, 2012.

Costa, vallyery rodrigues da. Compreensão e análise da temática do suicídio em obras da literatura romântica. 2018. Disponível em: <<http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/42457>>. Acesso em: 15 set. 2021.

Cundari, César; Ruggi, Lennita oliveira; Francisco, Marcelo. Escola dos anos 80: John Hughes e a romantização capitalista da adolescência. 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/r7-0622-1.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2021.

Da silva monteiro, lucia maria filgueiras. O processo de romantização das deficiências. Benjamin constant, n. 38, 2007. Disponível em: < <http://revista.ibc.gov.br/index.php/bc/article/view/467>>. Acesso em: 15 set. 2021.

Da silva, luiz mauricio azevedo. Toni morrisson e a origem dos outros. Nau literária, v. 16, n. 2, p. 299-303, 2020. Disponível em: < <https://www.seer.ufrgs.br/nauliteraria/article/download/106114/57895>>. Acesso em: 20 set. 2020.

Dapieve, a. Morreu na contramão: o suicídio como notícia. Rio de janeiro: jorge zahar ed., 2007.

De Barros, Lúcio Alves; Marçal, Caio César Sousa. A romantização da violência na revista nova escola. Revista fragmentos de cultura- revista interdisciplinar de ciências humanas, v. 28, n. 2, p. 218-230, 2018. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/6299>>. Acesso em 16 set. 2021.

De Mendonça, Adriany Ferreira. De humano, demasiado humano à gaia ciência: Nietzsche e sua declaração de guerra à metafísica. Trágica: estudos de filosofia da imanência, v. 5, n. 1, 2012. Disponível em: < <https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/download/25917/13963>>. Acesso em: 16 set. 2021.

De Miranda, Sheyla Pereira; de Souza, Josyane Lannes Florenzano. Agenda-setting na Netflix: um estudo de caso da série 13 Reasons Why. In: congresso brasileiro de ciências da comunicação. XI. 2017, Curitiba. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/r12-2200-1.pdf>>. Acesso em: 26 ago 2021.

Durkheim, e. O suicídio: estudo de sociologia. São paulo: brasiliense, 1997. São paulo: Martins Fontes, 2000.

Eco, Umberto. O super-homem de massa. São paulo: ed perspectiva, 1991. Em: 20 set. 2021.

Fonseca, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

Foucault, Michael. História da sexualidade: a vontade de saber. Edições Graal, Rio de Janeiro. 1997.

Gil, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. Ed. São paulo: atlas, 2010.

Goldberg, Lesley. Netflix alters graphic “13 Reasons Why” suicide scene after controversy. The Hollywood Reporter. Los Angeles, 15 de julho de 2019. Disponível em: <<https://www.hollywoodreporter.com/tv/tv-news/netflix-alters-graphic-13-reasons-why-suicide-scene-controversy-1224489/>>. Acesso em: 26 ago 2021.

Goethe, Johann Wolfgang. Os sofrimentos do jovem Werther. São paulo, abril, 2010.

Hauser, Ester Eliana et al. Crimes passionais: a romantização da mídia e a tese de defesa da honra em homicídios "por amor". Salão do conhecimento, 2017. Disponível em: < <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/7721/6458>>. Acesso em: 15 set. 2021.

Instituto brasileiro de geografia e estatística. (2013). Tábuas completas de mortalidade - 2006. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 25 ago 2021.

López-fernández, maría del pilar. El concepto de anomia de durkheim y las aportaciones teóricas posteriores. Iberóforum. Revista de ciencias sociales de la universidad iberoamericana, vol. Iv, núm. 8, juliodiciembre, 2009, pp. 130-147

Maranhão, l.; belmonte, w. B. Efeito hannah baker': breve abordagem do suicídio na cobertura jornalística e no entretenimento [internet]. In: 23º congresso brasileiro de ciências da comunicação. 2018. P. 07-09.

Marques, gabrielle. Quando transformamos violência em amor: uma possibilidade de análise sobre o relacionamento de heloísa e abelardo. Revista interdisciplinar em gestão, educação, tecnologia e saúde-gets, v. 3, n. 2, 2020. Disponível em: <<https://ojs3x.gets.science/index.php/gets/article/view/35>>. Acesso em: 15 set. 2021.

Meleiro, a. M. A. S., & bahls, s. C. (2004). O comportamento suicida. Em a. M. A. S. Meleiro, c. T. Teng, & y. P. Wang (eds.). Suicídio: estudos fundamentais, 13-36. São paulo: segmento farma. Morrison, toni. A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura. Companhia das letras, 2019. Disponível em: <https://books.google.com/books?hl=pt-br&lr=&id=fkaxdwaaqbj&oi=fnd&pg=pt2&dq=morrison+2019&ots=g5agzznb2i&sig=xobi_r0pba_gglf1gbbpela42nx4>. Acesso em: 16 set. 2021

Nunes, everardo duarte. O suicídio: reavaliando um clássico da literatura sociológica do século xix. Cadernos de saúde pública, v. 14, p. 7-34, 1998. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csp/v14n1/0199.pdf>. Acesso em: 16 set. 2021.

Oliveira, nathalia dória; dorenski, sergio. Romantização do trabalho voluntário: um estudo sobre a rio/2016. Disponível em: <https://reunioes.sbpcnet.org.br/natal/inscritos/resumos/1031_1d3b823ca7a00bdbd6099a18e0350a8a7.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.

Palacio, andrés felipe. La comprensión clásica del suicidio. De émile durkheim a nuestros días. Affectio societatis, v. 7, n. 12, p. 6, 2010. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3703186>>. Acesso em: 20 set. 2021.

Palomares, daniel. “13 reasons why chega ao fim: relembre as polêmicas em volta da série”. Uol, são paulo, 12 de maio de 2020. Filmes. Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2020/05/12/13-reasons-why-chega-ao-fim-relembre-as-polemicas-em-volta-da-serie.htm>>. Acesso em: 26 ago 2021.

Pértega-gomes, alexandre e gonçalves, eduardo manuel. 2016. “os 4 tipos de suicídio em durkheim: egoísta, altruísta, anômico e fatalista”. Poster apresentado no xv simpósio da sociedade portuguesa de suicidologia, guimarães, portugal, 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/299513448_os_4_tipos_de_suicidio_em_durkheim_egois ta_altruista_anomico_e_fatalista_-_revisao_da_literatura_-_alexandre_pertega-gomes1_eduardo_goncalves1_1departamento_de_psiquiatria_e_saude_mental_do_centro_hos>. Acesso em: 15 set 2021.

Pessoa, fernando. Poemas inconjuntos. In poemas de alberto caeiro. Fernando pessoa. (nota explicativa e notas de joão gaspar simões e luiz de montalvor.) Lisboa: ática, 1946, 10ª ed., 1993.

Ribeiro, aline rocha alves et al. 13 reasons why: uma análise da difusão do suicídio a partir da série1. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/r62-0838-1.pdf>>. Acesso em: 03 set 2021.

Rodrigues, yasmim aráujo. A responsabilidade da mídia na apresentação do suicídio: estudo de caso da série 13 reasons why. 2019. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/14040/1/21603082.pdf>>. Acesso em: 25 ago 2021.

Rolim, julianne milenna padilha; de oliveira, lídy carolyne freitas; da silva pereira, luana raquel. A eficácia do dispositivo materno: possíveis influências da romantização da maternidade na saúde mental de mães-solo na cidade de arcoverde-pe. Recima21-revista científica multidisciplinar-issn 2675-6218, v. 2, n. 6, p. E26451-e26451, 2021. Disponível em: <<http://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/451>>. Acesso em: 18 set. 2021.

Rosenfeld, anatol; guinsburg, jacó. Romantismo e classicismo. O romantismo, v. 3, p. 261-275, 1978. Disponível em: <https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/rosenfeld_guinsburg-romantismo_e_classicismo.pdf>. Acesso em: 16 set. 2021.

Salgado, lucas. 13 reasons why: aparentemente inspirado pela série, jovem de 23 anos comete suicídio e deixa gravações. Terra, são paulo, 9 jun. 2017. Cinema. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/cinema/13-reasons-why-aparentemente-inspirado-pela-serie-jovem-de-23-anos-comete-suicidio-e-deixa-gravacoes,c1b69a84c81044b7b7bdb18ffdf121cc3ck1u7k0.html>>. Acesso em: 17 out. 2021.

Santos, tatiana moniz de aragão dos. A representação da depressão e do suicídio em 13 reasons why. 2018. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/21897/1/2018_tatianamonizdearagaodossantos_tcc.pdf>. Acesso em: 03 ago 2021.

Silva, gabriela martins; gonzaga, domitila shizue kawakami. Psicologização do machismo e romantização da violência de gênero no filme wifi ralph. Nova perspectiva sistêmica, v. 29, n. 68, p. 76-90, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.38034/nps.v29i68.561>> . Acesso em: 20 set. 2021.

Solomon, andrew. O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão. Editora companhia das letras, 2014.

Sousa, thais milena de; carvalho, ana rosa rebelo ferreira de. Destrinchando os 13 porquês: uma análise documental da série de streaming “13 reasons why”. In: congresso brasileiro ciência e sociedade , 2019, teresina. Anais eletrônicos... Campinas, galoá, 2019. Disponível em: <<https://proceedings.science/cbcs-2019/papers/destrinchando-os-13-porques--uma-analise-documental-da-serie-de-streaming----13-reasons-why--->> acesso em: 03 set. 2021.

Who – world health organization. Suicide worldwide in 2019: global health estimates. Geneva: world health organization; 2021. Disponível em: <<https://www.who.int/publications/i/item/9789240026643>>. Acesso em: 20 set. 2021.

Zimerman, aline et al. O efeito de "13 motivos" em bullying e ideação suicida: uma análise de > 20.000 adolescentes. Pesquisa clínica e biomédica. Porto alegre , 2017. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/179372/001060409.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 25 ago 2021.